

LIVRO

Um estreante chamado

Erico

Cultura – E pode custar muitos anos?

Montaner – Pode custar muitos anos, pode liquidar outra geração inteira.

Cultura – A visão internacional do governo Lula é de modernidade, com uma política econômica liberal, distante de Chávez. Internamente, no entanto, se fala em ataques à liberdade de imprensa e num aparelhamento de Estado sem precedentes. Quem é o verdadeiro Lula?

Montaner – Lula tem um coração populista de esquerda, mas a realidade brasileira, a estrutura política brasileira com seu Estado Federal e o jogo de forças políticas do país impedem que ele governe com o coração, e tenha que governar com a cabeça de Fernando Henrique e de outras forças políticas que puseram o Brasil numa direção da qual custaria muito trabalho tirá-lo sem causar grandes confrontos. O que prima em Lula, mais que a moderação, é a prudência política. E muitas vezes essa prudência joga contra suas próprias convicções.

Cultura – Poderia citar um exemplo?

Montaner – Creio que Lula gostaria que Chávez entrasse no Mercosul, mas o parlamento brasileiro resiste. Aparentemente ele tem uma relação muito boa, no terreno pessoal, com o presidente Bush. Mesmo assim, quando se lê os papéis do Foro de São Paulo e se vê o grupo que rodeia Lula, não há dúvida de que, ideologicamente, ele é contrário à democracia liberal. Ele gostaria que o país fosse muito mais de esquerda e revolucionário, mas ele não pode.

Cultura – A força das elites tradicionais do Brasil tem um papel importante para conter Lula?

Montaner – Sim. A história do país, o temperamento do brasileiro, mostra uma história muito mais racional que a da América Latina. É mais difícil convocar os brasileiros à loucura do que os argentinos ou outro povo da América Latina.

Cultura – A oposição liberal a Lula é acusada de ser ineficiente, de não ter conseguido tirar proveito de inúmeros escândalos de corrupção para abalar o presidente. Já o PT costumava ser implacável quando estava na oposição. Essa fraqueza da oposição à esquerda é comum na América Latina?

Montaner – Sim, é comum. O nível de agressividade da esquerda é infinitamente maior que, digamos, o da democracia liberal.

Cultura – Poderia arriscar uma hipótese do porquê disso?

Montaner – Tem a ver com os grupos sociais que formam a esquerda: grupos que pregam o rancor de classe e que entendem que as diferenças sociais são consequência de uma injusta atitude de seus opositores. A reação a isso é de uma violência que não se vê na centro-direita liberal, muito mais tolerante. Além disso, a esquerda pode defender ditaduras repugnantes, como a de Castro, ou aliar-se facilmente à teocracia iraniana, sem encontrar nenhuma contradição.



MOACYR SCLIAIR *

A Companhia das Letras, que vai reeditar toda a obra de Erico Verissimo, acaba de lançar o primeiro volume da coleção: o livro de contos *Fantoches* (1932), obra de estréia do escritor. Neste caso não se trata só de uma reedição: ali estão as primeiras histórias de um jovem contista, mas também os contos de sua fase mais madura e, muito importante, os comentários manuscritos que Erico, aos 66 anos, fez sobre *Fantoches*, e que ilustrou com pitorescos desenhos: Erico, como Luis Fernando, pensava desenhando.

Nascido em Cruz Alta, em 1905, Erico era descendente de estancieiros tradicionais. Mas o pai, Sebastião Verissimo da Fonseca, acabou com a fortuna da família. Como se isso não bastasse, os pais se separaram em 1922. Junto com a mãe, Erico foi morar na casa da avó materna. Não pôde completar os estudos que tinham se iniciado em Cruz Alta e continuado em Porto Alegre, e que deveriam culminar com a entrada na Faculdade de Medicina. Teve de ajudar no sustento da família, trabalhando como balconista no armazém do tio, o primeiro de vários empregos que teve (foi também sócio de uma farmácia, que faliu).

Enquanto isso, lia e escrevia. Lia muito. Autores brasileiros: Coelho Neto, Aluísio de Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, Euclides da Cunha, Lobato, Oswald de Andrade, Mário de Andrade. E também Walter Scott, Tolstói, Eça de Queirós, Émile Zola, Dostoiévsky, Oscar Wilde, Bernard Shaw, Anatole France, Nietzsche, Omar Khayyam, Ibsen, Verhaeren e Rabindranath Tagore. Também traduzia, sobretudo do inglês e do francês; mais tarde, muitas obras de autores estrangeiros seriam publicadas pela Globo com tradução dele.

Tinha tudo para se tornar um escritor, a começar pela poderosa vocação de narrador. Modestamente, Erico intitulava-se um contador de histórias. Mas tinha a mágica capacidade de transformar narrativa em arte. Para essa vocação, contribuíram a vida atribulada, as copiosas leituras e o cenário. Literatura é parte importante na tradição cultural do Rio

Grande do Sul, uma tradição que inclui os “causos” gaúchos e a qual Erico, morando em Cruz Alta, não poderia deixar de vivenciar.

Mais tarde veio para a Capital. A Porto Alegre dos anos 30 era pequena, provinciana. A vida literária girava em torno às rodas de chope; Erico freqüentava o Bar Antonello, na Rua da Praia, artéria central da cidade. Ali estavam as lojas elegantes, ali se fazia o “footing” e ali estava também a Livraria do Globo e a Editora Globo, na qual Erico começou a trabalhar em 1930 e que publicou toda sua obra. Sua roda de chope incluía Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, Athos Damasceno Ferreira. Erico se classificava como “um conviva chatíssimo: não falava, não fumava... e não bebia”.

Erico já tinha publicado alguns contos em revistas, mas queria mais. Em suas palavras: “É natural que, aos 18 ou 20 anos, todo o homem tenha o desejo de ver seu nome ligado a algum empreendimento, a algum feito. No meu caso esse desejo era o de ver o meu nome na capa de um livro”. Publicado, *Fantoches* vendeu cerca de 400 exemplares; outros 1.100 foram destruídos num incêndio no depósito da Globo (“Casual, juro!”, diz o autor), com o que a edição ao menos não resultou em prejuízo.

Fantoches é de “pouca ou nenhuma importância literária” segundo Erico, um julgamento que se traduz nas antológicas notas nas margens das páginas. Sobre o conto *Como um Raio de Sol*, diz: “Todo este drama é possível. Porém a maneira como foi desenvolvida me parece falsa”. Às vezes, é irônico. Dirigindo-se a um personagem, adverte: “João, você já disse isto. Não é preciso repetir”. A propósito de um personagem que brada “Homem não chora”, comenta: “Gaúcho macho”. O conto *Chico* o faz suspirar: “Se um dia houver um concurso de lugares-comuns, acho que vou me inscrever nele com este conto”. Critica também a ausência de cenários definidos do ponto de vista de tempo e de lugar. A apresentação da primeira história diz-nos que a ação se passa numa praça deserta. “Onde?”, pergunta Erico, “em que cidade, em que país?”

Certamente existe aí um excesso de auto-crítica. Claro, *Fantoches* é o livro de um prin-

Ganha nova edição a versão corrigida do livro de estréia de Erico Verissimo, o volume de contos Fantoches, cujas margens o autor gaúcho preencheu com desenhos, garatujas e anotações

cipiente, com todos os defeitos que pode ter o livro de um principiante: há uma pretensão à universalidade, a abordar, não raro de forma pomposa e grandiloquente (“Sangue do meu sangue!”, brada um personagem), os grandes temas da condição humana, a paixão, o ódio, a submissão a um Destino (sempre com D maiúsculo) implacável. Mas Erico estava no caminho certo, como se constata na segunda parte do livro, *Outros Contos*. O que temos aqui é o escritor em sua maturidade. Assim, em *Os Devaneios do General*, antecipa *O Tempo e o Vento* contando a história de um caudilho dos pampas, o general Chicuta, em seu amargo ocaso: está numa cadeira de rodas, o empregado debocha dele (no fundo vingando o pai, que o general anos antes mandara matar), o genro é um bem-comportado bacharel, e seu passado guerreiro sumiu. Então o bisneto pequeno aparece, trazendo na mão uma lagartixa que acabou de degolar, e isso faz renascer a esperança do ancião: “Seu patife! Seu canalha!

Degolou a lagartixa? Muito bem. Inimigo não se poupa.”

Depois de *Fantoches* e *Clarissa*, a carreira de Erico decola, com reconhecimento do público e da crítica. Conhece escritores de renome nacional e internacional, como Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, viaja para o Exterior. Seu público cresce, sua produção literária se diversifica

com obras infantis, ensaios e livros de viagem. Em 1947, começa a obra que o consagraria, o épico gaúcho *O Tempo e o Vento*. Um projeto que, previsto inicialmente para ser um livro único, tornou-se uma trilogia com mais de 2.000 páginas, consumindo-lhe 15 anos de trabalho. Ganhou o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Faleceu a 28 de novembro de 1975. Carlos Drummond de Andrade escreveu então um poema em que diz: “Falta uma tristeza de menino bom / caminhando entre adultos / na esperança da justiça”. O “menino bom” de que fala o poeta, e que escreveu *Fantoches*, permaneceu vivo no grande escritor que foi Erico Verissimo.

* Escritor, autor de “O Enigma da Culpa”

ZERO HORA.COM

Leia trechos inéditos da entrevista em
www.zerohora.com